

**FILHOS DA PAUTA**

Franca tem fama de cidade musical desde o início do século XX, quando a banda alcunhada “Furiosa” atacava no coreto da Praça Nossa Senhora da Conceição e embalava o footing de moças e rapazes em torno dela. O clima das antigas serestas da velha cidade sempre esteve presente no Conjunto Francano de Amadores (onde reinava o João Ferreira de solista cantando o hino informal da cidade – “Terra dos meus sonhos”) mas se modernizou na Orquestra Laércio de Franca que punha todo mundo pra dançar no tempo das big bands, a batida da banda Atlantis que não deixava pedra sobre pedra nas “brincadeiras dançantes” da AEC, o rock da banda Fogo Fátuo de Betinho Eliezer, do piano de Margarida Pucci e Lúcia Garcetti, do breganejo de tantas duplas caipiras como a de Rio Negro e Solimões à música da pesquisadora Magda Pucci no grupo Mawaca.

A cidade teve (e tem) dezenas de bandas que pesquisadores da história local já estudaram bastante. Em meados dos anos 70, o então secretário estadual de Cultura José Mindlin tinha o projeto de apoiar a criação de orquestras e corais no interior. No final do governo do prefeito Hélio Palermo foram iniciadas as primeiras tratativas que redundaram no governo seguinte na criação da orquestra sinfônica e coral da Prefeitura, através da Fundação Municipal Mário de Andrade. Os frutos desta iniciativa, logo desarticulada pela falta de prioridade à cultura, resultaram na criação de vários corais.

Entre tantas iniciativas artísticas, uma tentativa de manter ao menos o coral foi feita por um grupo liderado por Agostinho Vilhena com apoio da fábrica de borracha Amazonas, através da Fundação Villa Lobos, logo extinta, que virou noneto Amazonas, depois Madrigal Amazonas, com os irmãos Derruci e outros funcionários do grupo industrial. Em seguida, Célia Davi comandou o coral do movimento espírita “Agnelinho Morato”, e depois veio o quinteto Quintarolando também dos irmãos Derruci.

Conforme um acabava, entrava outro no lugar. Em meados dos anos 80, foi a vez de Rodolfo Silveira que havia passado pelo coral da prefeitura tomar a iniciativa de criar mais um, dessa vez os “Filhos da Pauta”, nome criado pelo Gil Russi - o outro nome, que ficou em segundo lugar, era “Monte de Bossa”. Acho que “Filhos da Pauta” ficou melhor. A turma começou a ensaiar na casa do Rodolfo e depois passava pelo célebre “Bar do João Noronha”, próximo à escola Pestalozzi. Uma das principais figuras do novo coral era a Márcia Kuri, que depois foi diretora da Escola Municipal de Iniciação Musical – EMIM. O regente era o também afinador de pianos Zé Luiz Silva, que vinha de São Paulo.

O grupo cantava em praças e em encontros de corais, um deles o da USP realizado em Ribeirão Preto em 1985. O ponto alto da apresentação era “Moda dos 4 rapazes”, com letra de Mário de Andrade e música composta por Osvaldo Lacerda. Gil fazia uma espécie de microsolo. Um pedaço da letra dizia – “meu Deus, se uma saia entrasse”. Quando cantou os versos, a plateia quase veio abaixo, fez um ooooohhhh de admiração tão grande que Gil pensou que estava abafando, até começou a fantasiar uma possível carreira solo desbancando o homônimo baiano, já que a emoção da galera era genuína.

Só quando terminou a música é que percebeu que, ao ecoar os versos do grande poeta do Modernismo brasileiro, uma das meninas do coral que também era dançarina passou por trás dele bailando do jeito que veio ao mundo, apenas com um véu transparente sobre o corpo. Era o verdadeiro motivo do frisson do público. Desiludido, dizem que Gil abandonou a carreira musical para se dedicar à publicidade por conta disso, mas não sei dizer se é verdade. O fato é que Rodolfo, Gustinho, Gil, Vivian, Márcia, Heloísa, Ary, Roseli, André, Lívia, Ana Paula, Márcia, as Moemas e tantos outros “pauteiros” enriqueceram nossa arte musical.

Mauro Ferreira é arquiteto